



entrevista com

# GUSTAVO NETO

*Entrevista com o músico Alberico Gonçalves Moreira Neto, Gustavo Neto, nascido em Brasília-DF em 18 de dezembro de 1978. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 14 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.*

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

**Gustavo:** Eu sou aqui de Brasília mesmo só que segundo relatos oficiais dos meus pais eu fui fabricado em Coromandel, Minas Gerais na terra do poeta Goiás, mas nasci aqui em Brasília.

**Domingos:** E seus pais são de onde?

**Gustavo:** Meus pais são de lá, são de Coromandel, mas se conheceram aqui em Brasília, por incrível que pareça, vieram de tão longe pra se conhecer aqui em Brasília!

**Domingos:** Coromandel é a terra do Volmi [Batista] também...

**Gustavo:** Terra do Volmi, terra do Clayton Aguiar também, João Renes, que sempre foi uma grande referência pra gente, João Renes e Reny. Também é de lá o João Renes.

**Domingos:** E na sua época de infância você morava onde?

**Gustavo:** Eu morei minha vida inteira em Taguatinga. Só que também desde pequeno a gente sempre frequentou Coromandel e lá é uma terra que o pessoal gosta bastante de música. Então ali eu sempre tive contato com música, principalmente as coisas do Goiás. O pessoal lá quando você fala de Goiás é um respeito muito grande. Todo mundo respeita demais e curte muito as músicas dele. E acompanhei também desde pequenininho lá o surgimento da carreira do João Renes. Então ele é meio parente do meu pai e aí desde pequenininho que sou fã e acompanho. E por incrível que pareça o Ênio Lima que eu vim conhecer também tantos anos depois, muito fã do João Renes e Reny, chegou a abrir show pra eles lá em Uberlândia. Então boa parte das influências que eu tenho hoje na música eu tive a primeira vez lá em Coromandel.

**Domingos:** Então desde criança você tem contato com a música?

**Gustavo:** É, os meus pais sempre gostaram principalmente de música sertaneja e até já trazendo pro lado da viola. Eu nasci no ano que Zé Mulato e Cassiano gravou o primeiro disco. Foi em [19]78. E quando eu nasci, eu nasci como diz o outro, aos quarenta e oito do segundo tempo. Quando eu nasci meu pai já tinha o disco deles, então foi um dos primeiros discos que eu ouvi na minha vida. Ali com meu pai aprendi a gostar deles. Ouvia muito Milionário e José Rico. Zé do Rancho e Zé do Pinho e essa turma toda aí do sertanejo aprendi desde muito pequeno com meu pai. Minha mãe também gostava, mas meu pai era mais.

*[Risos]*

**Domingos:** E quando você começa a ver viola? Tinha pessoas que tocavam perto de você?

**Gustavo:** Com cinco anos de idade meu pai me deu um violão e eu comecei a aprender desde pequeno, sozinho, não fiz aula. E meu primeiro instrumento então foi o violão. Desde pequeno, tocando mais música sertaneja, mas gostava ali de um Roberto Carlos, um Raul Seixas. Aí por volta ali de uns nove, dez anos foi que eu tomei gosto pela viola mesmo, comecei a aprender. Também não fiz aula, nunca estudei. E dali em diante minha paixão pela viola cada vez só aumenta mais.

**Domingos: Mas como chegou pra você a primeira viola?**

**Gustavo:** Rapaz, é até difícil de falar porque tem umas coisas que você vê que parece que são coisas de Deus mesmo! Eu tive uma oportunidade na época de comprar um instrumento e falei pro meu pai, eu vi uma viola, inclusive é uma viola que hoje ainda tenho essa viola, é uma Tonante. E eu olho pra ela hoje e imagino, pô como é que uma pessoa olha pra uma viola dessa e consegue se sentir atraído. Porque a viola é feia. É feia demais! E eu vi esse instrumento e adorei. Porque eu já ouvi muitas pessoas falando que a viola bem afinadinha você não precisa fazer nada. Só de você fazer um *[Dedilha a viola]* Você já arrepia e aconteceu isso comigo. Assim, gostava muito de Tião Carreiro e Pardinho também, já tinha tido esse contato primeiro com a viola. Mas no dia que eu vi essa viola numa loja eu fiquei doidinho. Não sosseguei enquanto meu pai não comprou ela pra mim. Aí comecei, só que essa viola é engraçado que ela tinha um problema, a gente afinava e ela não conseguia segurar as dez cordas afinadas. Ela sempre arrebatava a solzinha. Eu não conseguia afinar ela. Então eu gostava de tocar em Mi, até porque pela voz e tal. E eu sempre tocava com a viola com nove cordas. Então isso eu tentava, tal, mas não deslanchei. Eu fui deslanchar acho que com uns quinze, dezesseis anos, que eu comprei uma *gianninizinha*, que aí eu já conseguia afinar as dez cordas, tocar com todas. Mas sempre me baseando ali principalmente no Zé Mulato e Cassiano e no Tião Carreiro e Pardinho. Depois conheci Goiano e Paranaense, Ronaldo Viola e João Carvalho, João Mulato e Douradinho e por aí vai.

**Domingos: Uma escola de viola esses caras...**

**Gustavo:** É uma escola, enciclopédia...

**Domingos: Cada um é uma escola...**

**Gustavo:** Exatamente. É engraçado que quando você fala viola caipira você pensa às vezes que é um estilo só, é um jeito só de tocar. Mas cada um desses violeiros que você escuta tem alguma característica diferente. Então, por mais que Tião Carreiro tenha sido ali o percussor e criou muita coisa, todos esses que eu citei aí vieram com coisas diferentes. O Goiano, por exemplo, é um cara que pra mim revolucionou o modo de tocar viola. Mudou muita coisa. Eu gosto muito do Ronaldo Viola também, a gente canta muito a música romântica e eles têm músicas maravilhosas. E o João Mulato, canhotinho, toca de um jeito também que influenciou muita gente e têm uma pegada muito característica. Zé Mulato também. Zé Mulato nosso poeta aí tem um jeito também muito peculiar de tocar viola. Muito baseado lá no Zé Carreiro e Carreirinho. Então eu acho bacana ver que mesmo se falando em viola caipira, mas cada dupla que você analisa tem uma maneira diferente de tocar. Tem alguma coisa a acrescentar.

**Domingos: E em Brasília tem bastante violeiro?**

**Gustavo:** Em Brasília, de uns anos pra cá, tem aumentado bastante. Lógico que quando fala em viola em Brasília a gente automaticamente lembra do Zé Mulato e Cassiano, mas a gente

tem o Vanderley e Valtecy, que está aí também há muitos anos, e tem uma galera boa. A gente já há alguns anos faz parte do Clube do Violeiro [Caipira de Brasília]. E ali cada ano que passa a gente vê surgindo novas duplas. Então mesmo o lado profissional vem aumentando a quantidade de duplas. E muita gente interessada também em aprender a tocar viola. A gente tira aí pelo nosso amigo que até já esteve aqui, o Wellington Assis, da escola Betesda. Eu tive a oportunidade de trabalhar com ele lá por um tempo e é impressionante a gente ver que hoje em dia por mais que você fale: “Ah, a criançada, a juventude está interessada em outros estilos, tudo mais.” Mas aqui em Brasília, pelo menos, é muita gente que se interessa pela viola. Independente da idade. Então muita gente nova. E isso é bacana que vem aí, se Deus quiser, sempre uma continuidade nesse estilo que é tão bonito, esse instrumento que a gente gosta tanto!

**Domingos: E nesse tempo todo, a partir dos quinze anos, sempre ali em Taguatinga?**

**Gustavo:** Sempre. Morei ali minha vida inteira. Na verdade eu nasci já morei em Taguatinga. Morei por praticamente vinte e cinco anos com os meus pais. Casei, me mudei pra Taguatinga também! *[Risos]* É uma cidade que eu amo demais e tenho um carinho muito grande. E assim, infelizmente, com exceção ao trabalho da Escola Betesda, é uma cidade que, pelo menos eu acho, tem uma carência muito grande de coisas relacionadas à viola. Não tem muito. A gente até trabalhou muito tempo ali na Casa do Cantador, na Ceilândia. Você vê Planaltina, Brazlândia, a gente tocou muitas vezes nos encontros de violeiros lá. Agora, Taguatinga é engraçado, a viola é difícil de chegar. Apesar do Zé Mulato ter morado muitos anos em Taguatinga, não sei por que não chega com tanta facilidade quanto nas outras cidades satélites.

**Domingos: E desse seu tempo desde criança, adolescente, pra hoje, Taguatinga mudou?**

**Gustavo:** Ah, mudou bastante. Mudou... Eu venho de uma época que era muito comum você, por exemplo, sair na porta da sua casa, fazer uma fogueira e sentar com a turma lá, tocar violão, tocar viola. Às vezes até amanhecer o dia, em época de férias não tinha problema. E hoje em dia as coisas são diferentes. Até eu tenho um casal de filhos. Uma menina de treze [anos] e um menininho de dez [anos]. É uma luta porque desde pequeno eu vi que eles têm uma inclinação muito boa pra música. Só que a tecnologia atrapalha. A criançada hoje está muito ligada com internet, com celular, com tablet. E lá em casa você chega, tem o meu cantinho lá, tem vários instrumentos e eu falo: “Vocês podem mexer.” Dei um violão pra um. Aí meu filho invocou de querer tocar guitarra, falei: “Não, vou arrumar uma guitarra pra você.” Então sempre tentando colocar eles na música. Só que o celular sempre vence a batalha. Então a grande diferença que eu vejo hoje em Taguatinga e eu acho que não é do Brasil, eu acho que é do mundo. É esse tipo, a atenção das crianças está voltada mais pra tecnologia do que pras coisas simples, aquelas coisas que a gente gostava de fazer. Eu lembro que eu com treze anos, eu tocando com uns amigos na calçada lá na minha casa, tinha jogado futebol descalço, estava com o pé todo sujo. E meu tio, meu finado tio Lazine me levou num boteco lá perto de casa. Ele falou: “Você é homem mesmo, estou

vendo que você toca muito, vamos tocar ali no barzinho.” Falei: “Vamos.” Ele me pegou pela mão e me levou com o violão e eu toquei no barzinho, fiz show lá de chinelo, com o pé todo sujo, com treze anos. Hoje em dia é o tipo de coisa que por mais que a gente imagine eu acho que não dá mais pra acontecer porque mudou muito. Taguatinga cresceu bastante e mudou o jeito de ser. Os meus pais moram na mesma rua que eu morava quando menino. Inclusive é onde eu dou aula, tenho alguns alunos. E não tem mais nada do que era antigamente, mudou demais. A rua tem dia que você passa parece um deserto e na minha época era molecada na rua. Eu tive na época, montei dupla sertaneja, montei banda católica, banda de rock, de reggae. Já toquei de tudo na minha vida. Porque eu sempre fui uma pessoa muito musical. Sempre gostei apesar da música sertaneja e caipira estar em primeiro lugar, mas eu sempre gostei de todos os estilos. E hoje em dia você não vê nada disso. A molecada ali mal sai na rua, não joga futebol... Meu filho pega um instrumento pra tocar, toca cinco minutos: “Ai pai, meu dedo está doendo.” Então está bom, aí larga o violão, a guitarra pra lá e vai mexer no celular. É complicado. Mas eu tenho esperança que isso vai mudar ainda!

**Domingos: E você tem alguma relação com o Plano Piloto?**

**Gustavo:** Plano Piloto eu trabalhei, eu sou formado em administração. Então eu trabalhei durante um tempo com administração e eu trabalhei já na 707 Norte, trabalhei no SAAN, no SIA, já frequentei muito aquela região ali. A gente toca, de vez em quando tem alguns eventos por lá. Mas assim, meu contato com o Plano Piloto não é tão grande quanto com as coisas que eu faço em Taguatinga. Tento manter a minha base em Taguatinga. Tudo é por aqui.

**Domingos: Quando você começa a ter envolvimento mais profissional com a música? Ou compor, você começou antes?**

**Gustavo:** Eu compus algumas coisas quando era mais novo, mas nada muito com pretensão de gravar nem nada. Era coisa às vezes de extravasar alguma ideia, algum momento da minha vida. Mas como te falei, toquei em vários, fiz vários estilos diferentes e sempre tentando montar uma dupla sertaneja. Eu tive uma dupla com o Alexandre, meu amigo, inclusive morou em Taguatinga, acho que hoje ele está em Águas Claras. Cantei com o Paulo, outro amigo meu e fiz várias duplas até chegar no Godoi. Conheci ele por um amigo em comum e na época eu tinha acabado a dupla com o Alexandre. A gente é ainda daquela época das fitas cassetes. Então eu gravava, fazia repertório, montava, gravava fita pra gente poder tirar as músicas e quando a dupla com o Alexandre começou a ficar legal ele desistiu. Aí apareceu o Godoi. Eu não queria montar dupla novamente, mas ele acabou me convencendo... A gente fez a dupla, chegou a gravar alguns programas de rádio, de televisão. E aconteceu a mesma coisa que o Alexandre, chegou um ponto ele falou: “Não quero mais, isso não é pra mim. Mas eu tenho um cara muito bacana pra te indicar, pra te apresentar...” Que era o Ênio Lima. Eu conheci o Ênio na casa dele, do Godoi, do meu cunhado e a gente cantou lá e começou, como diz o outro, começou a paquerar! E em abril

completa doze anos que a gente está cantando junto. Então o trabalho mais profissional mesmo que eu tive já foi com o Ênio, porque com Godoi foram programas que a gente gravou, não chegou a gravar CD nem nada. E com o Ênio nós já temos seis CDs gravados, dois DVDs e a gente está fazendo agora o CD de viola, está gravando. Então é o trabalho que eu considero profissional mesmo é esse com o Ênio, já de quase doze anos.

**Domingos: A dupla vocês trabalham com canções autorais, interpretações, como é?**

**Gustavo:** A nossa dupla o pessoal até pergunta: vocês são uma dupla caipira? Vocês são uma dupla de sertanejo universitário? Vocês são o quê? A gente é sertanejo. Falando um pouco do Ênio. Ele é mineiro de Piumhi só que foi criado em Uberaba, Uberlândia, naquela região ali. E começou a cantar muito novo. Ele começou, gravou o primeiro disco com dez anos de idade, em 1985. Então ele já vem de um trabalho profissional de muito mais tempo do que eu. Então ele abriu na época muito show pra João Mineiro e Marciano, Tião Carreiro e Pardinho, Milionário e José Rico, essa turma aí. E ele teve também algumas duplas lá por Uberlândia e depois ele mudou pra Caldas Novas. Trabalhou lá dez anos tocando nos hotéis, nas serestas. Então ele ali também teve oportunidade, quando ele chegou em Caldas Novas ele só sabia tocar música sertaneja e cantar. E nos hotéis de Caldas Novas, como vem gente do Brasil inteiro, o pessoal às vezes pede muitas músicas que não são sertanejas, músicas de vários estilos. Aí ele teve que se virar nos trinta e aprendeu outros repertórios. Então quando ele veio pra Brasília ele tinha uma dupla era Ênio Lima e Eduardo, lá em Caldas Novas, aí quando ele veio pra cá, ele casou, veio pra Brasília, acabou a dupla. Então ele veio a gente se encontrou, montou a dupla e a gente trouxe já de muitos anos uma bagagem não só sertaneja e caipira, mas de outros estilos também. Então hoje é até engraçado porque uma vez o Cassiano falou pra gente, até eu guardei isso, já há muitos anos. Ele falou: “A dupla de vocês é tão perfeita, tão perfeita que eu não tenho como rotular o que é a dupla de vocês. Vocês não têm identidade.” Na época ele falou pra nós. “- Porque se vocês cantam Tião Carreiro e Pardinho é bonito. Se vocês cantam Matogrosso e Mathias é bonito. Se vocês cantam anos sessenta, um bolero tipo Nelson Gonçalves. Ou cai no outro lado, um pop rock, MPB, tudo vocês fazem bonito. Então vocês estão parecendo banda de baile, não é uma dupla sertaneja ou caipira.” Então quando o pessoal pergunta a gente se intitula uma dupla sertaneja, a gente é sertanejo, mas a gente é eclético. Então da mesma maneira que a gente pega a viola e faz um show de viola, a gente pega e toca lá um *rock and roll* dos anos sessenta, anos setenta. Então por conta disso a gente não se rotula. A gente é uma dupla sertaneja que é abrangente. Mas a gente sempre teve um pé lá no passado. Apesar de a gente às vezes tocar alguma coisinha moderna, alguma dessas novas, mas é uma ou outra quando não tem jeito. Porque a gente aqui em Brasília enfrentou um problema até por essa questão de estilo. Tem várias tribos aqui. Aqui fala que é a cidade do rock, tudo mais, mas tem a galera da viola, tem a galera do sertanejo universitário, tem as casas grandes de show. Então em cada um desses estilos meio que tem já as panelinhas, pra você entrar nessas panelinhas é muito difícil. Aí a gente se especializou aqui em Brasília em fazer evento corporativo e bar. Na época tocamos em barzinhos e hoje a gente toca em dois. Um é o DBB

que é próximo ao JK Shopping, todas as quintas-feiras. E sexta-feira na QND 43, que é a Casa do Zé, toda sexta. Esse projeto da sexta já trocou de dono lá um tempo atrás, então só com esses donos novos já tem quase dois anos que a gente está fazendo lá com eles. Toda sexta sucesso total, lotado, casa cheia, mantendo essa diversidade do repertório. A gente toca muita música romântica, igual eu falei: Renê e Ronaldo, Gian e Giovani, essa turma e sempre traz as de viola junto. Os CDs nossos, quando a gente grava, a gente faz todos os estilos praticamente. Lógico que tem composições nossas, mas a gente tem também uma turma que a gente trabalha sempre. Tem uns amigos de Franca, o Rafael Henrique e o Campo Grande, que são dois compositores maravilhosos e se identificam muito com a gente. Se você pegar, por exemplo, eu estava mostrando mais cedo o DVD nosso. O DVD são dezesseis músicas, onze são deles, do Rafael e do Campo Grande. A gente está gravando um CD novo de viola, vai vir também algumas coisas deles, é uma dupla de compositores que a gente se adapta muito com o trabalho deles. E acaba que como as nossas são nossas, a gente vai guardando, vai deixando, e fala: “Vamos gravar porque esses meninos, na hora que as músicas deles caírem na mão dos grandes eles vão estourar.” Porque os meninos são sucesso com certeza!

**Domingos: Você poderia tocar alguma coisa pra gente?**

**Gustavo:** Vamos lá...

**Domingos: De preferência se for algo autoral...**

**Gustavo:** *[Dedilha a viola]* Tocar um trequinho aqui de um instrumental que eu fiz agora. Chama “Descendo o Rio Piquiri”. Vai sair no CD novo.

*[Toca instrumental na viola caipira a música “Descendo o Rio Piquiri”, de sua autoria]*

**Gustavo:** Por aí vai... Essa música eu tinha feito, fiz na época, uns cinco anos atrás e a gente fez uma viagem, uma pescaria no Rio Piquiri. Um dia a gente gravando uns vídeos no barco no meio do Rio Piquiri, falei: aí o nome da música. E essa música vai estar no CD novo nosso de viola que vai sair no começo de 2020, se Deus quiser!

**Domingos: Ele com certeza há de querer! Você fala de viola por que é mais enxuto?**

**Gustavo:** Porque a gente quando grava, os trabalhos nossos, de carreira mesmo, são trabalhos que a gente grava praticamente todos os instrumentos, trabalha com banda, tudo mais. E esse não, é um trabalho mais acústico e a temática é mais caipira, apesar de ser uma temática mais modernizada, um caipira mais modernizado. Mas a gente está tendo esse cuidado de gravar músicas mais voltadas pro lado caipira. E é um trabalho, até o Ênio fala muito que é um trabalho do Gustavo Neto. É um sonho meu, que sempre tive e se dependesse de mim eu faria um CD estilo Zé Mulato e Cassiano, por exemplo, mas a gente tem consciência que o nosso trabalho é um trabalho mesclado. Então é até complicado você fazer um CD cem por cento caipira mesmo. Então a gente está fazendo, mas trazendo um pouco a linguagem pro moderno agora. E eu gravei, inclusive já tem boa parte do CD

gravado e eu que gravo violão, viola, eu produzo junto com o Grillo lá no estúdio GR1. Então é um projeto que eu sempre sonhei em fazer. Quando a gente fala que é um CD de viola é porque a viola vai estar mais aparente. Porque se você pegar o DVD nosso, por exemplo, eu gravei o DVD inteiro com a viola. Só que tem músicas que aparece mais e tem músicas que é um instrumento mais de harmonia ele não aparece tanto. Mas esse CD de agora a gente pretende deixar a viola bem na cara mesmo. Um CD tipicamente de viola.

**Domingos: Beleza! E a viola tem uma força que no caso de vocês ela acompanha o repertório todo?**

**Gustavo:** Acompanha. A gente meio que vê a viola no nosso caso como uma cereja no bolo. Uma cereja muito especial. Porque apesar do nosso trabalho não ser cem por cento caipira, cem por cento com a viola. Mas na hora que a gente pega a viola a gente nota que as pessoas se voltam mesmo pra curtir, gostam muito e é um diferencial muito grande que a gente tem. Então aqui em Brasília é engraçado, a gente tem entrada mesmo pros bares, pros teatros que a gente faz e a gente vê que quando toca a viola o pessoal fica muito encantado com o instrumento. Às vezes eu acredito que certo tempo atrás tinha muito preconceito com viola e hoje em dia não, é um instrumento que inclusive eu costumo falar, eu tive uma aluna, até lá na Betesda mesmo, eu senti que ela não estava muito empolgada com a viola e um dia eu parei, falei: “Vamos tirar a viola e vamos conversar, o que está acontecendo?” E ela falou pra mim que o sonho dela era tocar tchê tcherere tchê tchê, esses negócios. E não podia tocar isso na viola. Falei: “Uai, mas seu pai comprou a viola pra você, a viola é sua, você toca o que você quiser.” “- Ah, mas não pode.” “- Pode. A viola é um instrumento versátil demais.” E a gente considera um instrumento caipira, mas é um instrumento que eu acho que tem muito a ser estudado e cabe em qualquer estilo, não tem essa de que a viola é caipira. E aí assim, mesmo a contra gosto, que eu não queria ensinar um tchê tcherere tchê tchê pra ela de jeito nenhum, mas mostrei pra ela que ela poderia tocar qualquer música na viola. Eu sempre fui muito fã dos Engenheiros do Hawaii. E hoje Humberto Gessinger faz um trabalho com a viola. Ele é rock. Toca um estilo folk, alguma coisa assim, mas a viola caipira está lá. Então não é um instrumento pra ser tocado só na música caipira, é um instrumento muito versátil. E que cabe bem em qualquer estilo.

**Domingos: Dando aula você percebe um interesse maior também das mulheres no instrumento?**

**Gustavo:** Demais. Era algo que alguns anos atrás a gente não conseguia imaginar. Você ver uma mulher tocando era um negócio muito diferente. Hoje em dia elas procuram muito e mulheres às vezes meninas, meninas de doze, treze anos procuram, querem aprender. Eu acho isso muito bacana. A gente teve oportunidade de ir no Mato Grosso algumas vezes, ali é impressionante o tanto de violeira que tem. O DVD nosso tem a participação da Karen e da Pâmela, que eram dupla na época, inclusive a dupla já não existe mais. Mas a Pâmela tocando viola é uma coisa linda. Você para, você fica de boca aberta. Pra mim uma das melhores violeiras do Brasil, com certeza. E eu acho que igual à Pâmela tem muitas aí no



Brasil que a gente ainda não descobriu. Eu acho que a perspectiva do crescimento da viola no Brasil é muito grande. A história da música do Galvãozinho que a viola está voltando. Pessoal fala: A viola morreu, a viola acabou. Isso não, pelo contrário, vem crescendo muito e eu acho que isso se deve também a uma outra nuance de viola que é os meninos mais novos que estão vindo aí. Até a turma mais tradicional às vezes não concorda muito, que é o Mayck e Lyan, Lucas Reis e Thácio e a própria Bruna Viola. Eu, particularmente, não vejo isso como problema, pelo contrário, eu acho que como tem aquela história: falem bem ou falem mal, mas falem de mim. A mesma coisa com a viola. Eu de repente, tiro meu chapéu pra essa turma: Mayck e Lyan, o próprio Lucas Reis e Thácio, são nossos amigos e a gente vem acompanhando o crescimento deles. Eles sempre tentando fazer alguma coisa diferente na viola e eu não consigo ver isso como uma coisa negativa, pelo contrário. Talvez é complicado você comparar, por exemplo, um Lucas Reis e Thácio e um Zé Mulato e Cassiano, porque eu considero que são estilos diferentes mesmo se tratando de viola. Mas eu acho que ambos têm seu valor. Ambos têm sua representatividade na música brasileira. Então eu vejo isso como muito positivo. Tanto o crescimento da turma nova quanto das mulheres. O crescimento do interesse pela viola, isso é bacana demais!

**Domingos: No chamado sertanejo universitário a viola foi ficando cada vez mais de lado, você acompanha esse movimento?**

**Gustavo:** O sertanejo universitário é engraçado que é assim, na época criaram esse rótulo. Pra mim o que eles fizeram na época, de diferente, foi só acelerar as músicas. Porque eles começaram a tocar, o César Menotti e Fabiano mesmo é um exemplo. Eles começaram a tocar as músicas ali do Zezé Di Camargo e Luciano, Chrystian e Ralf, Cezar e Paulinho, essa turma, tocar mais rápido. Então na época inventaram esse termo e deram uma enxugada, inclusive na época pré-sertanejo universitário ainda tinha muita guitarra, muito teclado. E no começo eles deram uma enxugada, então ficou mais violão, baixo, bateria e voltaram a sanfona, que estava também um tempo já meio de lado e esqueceram a viola. Esse começo do sertanejo universitário a viola ficou totalmente de lado. Até eu acho que esse foi um período que a viola estava mais em baixa. Mas eu acho que não durou muito tempo, até porque o próprio pessoal de sertanejo universitário, apesar de eu não ser um fã, gosto de algumas duplas, mas não sou um fã muito fervoroso não. Eu acho que eles têm uma preocupação grande com arranjos, em fazer arranjos bonitos, apesar das letras às vezes serem letras bem pobres, mas eles sempre têm a preocupação com o arranjo. Então a viola dá pra fazer muita coisa bacana. Vira e mexe, hoje em dia, você escuta a viola nas músicas universitárias, mas realmente durante um tempo ela ficou esquecida, ficou abandonada.

**Domingos: Você e o Ênio, no trabalho de vocês, vocês também passam por esse chamado sertanejo universitário?**

**Gustavo:** O trabalho nosso eu posso te dizer o seguinte, sei lá, talvez uns dez por cento do que a gente toca seja universitário. Só que dentro desse universitário a gente não costuma falar muito universitário porque é o sertanejo, as duplas novas aí. Porque o que a gente pega

do sertanejo universitário são coisas que a gente considera coisas bonitas. Os caras às vezes gravam lá um rasqueado bonito, uma guarânia. Às vezes fazem algumas vaneras que são boas pro pessoal dançar, tudo mais. Mas a gente dá uma boa peneirada, até porque hoje tem muita gente no mercado e o pessoal meio que parou com aquele negócio de estar lançando CD e DVD e agora quer lançar música. Lança uma música uma semana, na outra... Olha, eu estava agora ali numa festa, o pessoal pedindo uma música do Henrique e Juliano lá que a música já está pipocando porque ele fala um palavrão no meio da música. E está todo mundo pedindo essa música. Essa música foi lançada não tem uma semana. Aconteceu uma do Gustavo Lima também a gente chegar no barzinho pra tocar na sexta e o povo pedindo e mandando papel, a música foi lançada quinta, um dia antes. Aí você pega, estuda uma música dessa e tira, tal, quando você começa a ficar bom já vem outra. Então como esse não é o nosso forte, não é o nosso foco a gente não faz questão. Então se o pessoal começar a pedir demais, pedir demais e a gente gostar da música, claro, a gente vai lá e tira. Senão, eu sempre faço uma brincadeira, o pessoal: "Ah, toca tal do Gustavo Lima." Falo: "Não, eu não vou tocar porque ele não está tocando nenhuma do meu CD, então eu não faço questão de tocar a música dele." Aí o pessoal ri, você dá uma disfarçada e toca Milionário e José Rico, por exemplo! *[Risos]*

**Domingos: Boa! Gustavo, você vê uma relação entre o tradicional e o contemporâneo?**

**Gustavo:** Olha, se tiver é pouca coisa. Talvez os ritmos, alguns ritmos, mas a temática, talvez o Victor e Leo, por exemplo, tinham uma preocupação em fazer alguma coisa com a temática rural. Eu acho que dessas duplas mais novas talvez eles. O Israel e Rodolfo lançou um CD mais de modão. Aí tudo bem, mas assim, no caso do Israel e Rodolfo, por exemplo, eles lançaram um CD fora do CD de carreira deles. É como se fosse um projeto paralelo, um estilo paralelo. Tanto que eu acho que no show deles na época nem chegaram a tocar muito essas músicas desse CD. Então eu vejo esse sertanejo contemporâneo mais como talvez um pop, uma música romântica. Se você pegar ali um José Augusto, Elymar Santos, de quinze, vinte anos atrás, você vai ver que acho que não tem muita diferença não. Então eu acho que a semelhança mais é com esse outro estilo do que com música sertaneja. O problema é que se você for analisar sempre teve esse tipo de polêmica na música sertaneja. Porque a gente brinca, às vezes fala, mas é complicado hoje em dia você cantar e falar de carro de boi. Meu pai chegou, quando era menino, a ser carreiro. Você chega pro meu pai fala: "E aí pai, está com saudade? Queria ser carreiro de novo?" Ele fala: "Deus me livre." Então em muitas coisas a tecnologia veio pra ajudar, até a roça hoje é diferente e tudo mais e a gente canta às vezes falando dessas temáticas com saudade. Mas hoje em dia é difícil. Eu tenho exemplo do meu tio lá em Coromandel, meu tio ficou com a fazenda que era do meu avô. Ele senta na sala dele, tem a parabólica, vai assistir o canal do boi, celular na internet. Abre o leilão ele vai lá e arremata, entra no leilão, compra os nelores dele. Sentado na roça com o celular vendo pela televisão. Aí vai ordenhar: vamos tirar leite. Tem as ordenhadeiras, não tem aquele negócio do cara estar lá tirando leite mais. Muita coisa mudou. A gente canta com saudade, com nostalgia, mas eu acho que hoje em dia é complicado de você querer bater

muito nesse ponto, querer falar: não, eu sou caipira, sou caipira que fumo palheiro e tiro leite ali tal. Porque hoje em dia é muito difícil isso acontecer, então é mais a nostalgia mesmo. Uma nostalgia boa, principalmente pra gente que não sofreu lá na roça, que ali era sofrido com certeza. Então eu concordo que a temática tem que mudar. O sertanejo, às vezes, o tipo de letra tem que mudar e isso é cíclico, não tem jeito. Quando começou ali na década de setenta Belmonte e Amaraí, Tibagi e Miltoninho, essa turma a cantar, em final de sessenta pra setenta, trazer referência do México, do Paraguai foi um auê, uma revolução. E aí começou a falar que era música de corno, era isso e era aquilo, tal. E hoje pra gente quando você fala em Belmonte e Amaraí é caipira. Caipira, mas na época não era. Aí já vem depois João Mineiro e Marciano, Chitãozinho e Xororó. Por aí vai. Depois Zezé Di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, e sempre tem essas polêmicas. Mas eu acho que a boa música sertaneja sempre sobrevive. Independente das mudanças a essência mesmo sertaneja ali sempre permanece.

**Domingos: De algum modo você se considera caipira?**

**Gustavo:** Eu sou caipira de coração, porque eu gosto muito das coisas da terra e até como eu falei anteriormente, pela minha vivência ali em Coromandel, meu pai, quando a gente era mais novo, sempre teve chácara, a gente sempre teve esse contato com a natureza. E a minha família, por ser de Coromandel tanto o lado do meu pai quanto da minha mãe é uma gente que tem esse lado muito forte, o lado caipira, muita gente é ligado com a natureza. Então eu me considero. Até a dupla nossa, a gente brinca muito, que o Ênio é um pouquinho mais velho do que eu, só que ele tenta puxar um pouco mais pro moderno e eu tento puxar mais pro lado caipira. Então a gente brinca, ele fala que eu sou o Zé Mulato da dupla e eu falo que ele é o Luan Santana da dupla. Então até por isso a gente tem esse equilíbrio, porque eu gosto demais de música caipira. Sempre gostei. Apesar de que eu sou apaixonado também com o Trio Parada Dura, com Milionário e José Rico. Mas a música verdadeiramente caipira me agrada demais e eu tenho isso no coração, essa caipirice no coração! E um carinho muito grande pelas coisas caipiras e as coisas do sertão e do mato em geral.

**Domingos: Tem alguma canção que você poderia mostrar pra gente?**

**Gustavo:** Vou cantar um pedacinho, a gente gravou no nosso segundo disco. Essa música deu um terceiro lugar pra gente num festival no SESI de Goiânia. Ela é composição do Ênio e do pai dele, seu Messias. Chama “Caboclo sertanejo”. Vou ver se consigo cantar um pedacinho.

*[Toca viola caipira e canta a música “Caboclo sertanejo”, de autoria de Ênio Lima e Messias Moacir:]*

*Sou caboclo sertanejo*

*Nascido lá no sertão*

*Pra cantar modas de viola*

*Sempre foi minha inclinação*

*Quando ouço uma viola*

*Duas vozes cantando macio*

*Meu coração bate forte*

*Meu corpo dá um arrepio*

*Meu sangue é de sertanejo*

*Que corre na flor da pele*

*Pra defender o caboclo*

*Enfrento qualquer duelo*

*No braço dessa viola*

*Vou defender meu sertão*

*Tudo que o Brasil tem de belo*

*Não cabe nessa canção*

**Gustavo:** Por aí vai [*Dedilhando a viola*] É uma música que eu tive, o pai do Ênio está morando em Caldas Novas ainda, eu estive lá uma época e eles cantaram essa música juntos. Eu ouvi, falei: “Mas que música bonita!” “- Ah, é nossa. Essa é música nossa, a gente canta aqui só entre nós.” Falei: “Não, depois vamos ouvir direitinho.” Aí eu fiz uns arranjos [*Toca na viola*] A gente começou a brincar, fiz o arranjo “Pô, mas ficou bonito!” O pai dele ouviu, falou: “Nossa, mas mudou a música completamente!” É uma música que a gente, na época, teve um respaldo bem legal da turma aí que curte o sertanejo e a viola. Porque a gente ainda fez essa participação no SESI lá de Goiânia e ficou em terceiro lugar. Saiu essa música na coletânea desse festival. Rodou bastante pelo Brasil, o pessoal das rádios, principalmente das web rádios e o pessoal do interior gostou muito, tocou muito essa música. É composição deles, do Ênio Lima e do Messias Moacir, papai dele. [*OBS: O Sr. Messias, pai do Ênio Lima, faleceu no dia 29/12/2019*]

**Domingos:** Linda música, a introdução também!

**Gustavo:** Legal né!

**Domingos:** Parabéns!

**Gustavo:** Tenho um carinho muito grande por essa música.

**Domingos:** E o que você sente quando toca viola?

**Gustavo:** É difícil de explicar porque a viola meio que hipnotiza a gente. Eu acho que ela tem esse poder hipnótico. Você toca e eu sempre tenho em casa, por exemplo, dia que eu, sem pretensão nenhuma, pego a viola: “ah, deixa ver como estão as cordas.” Você geralmente não consegue só dar uma passada, você tem que tocar alguma coisa, uma coisa vai virando outra e de repente você começa a criar coisas ali de uma maneira bem despreziosa. Então acho que a viola tem esse poder. Inclusive eu gosto muito de violão também, foi meu primeiro instrumento, e quando eu dou aula de violão eu já dou aula falando da viola, falo: “Ó, se você tem alguma coisa, alguma resistência com a viola e tal não toque, porque a viola te hipnotiza!” Acho que pra quem já toca violão, pegar a viola e aprender é uma coisa, agora, pra começar do zero eu acho que a viola tem mais esse poder de empolgar as pessoas. Até porque, como fiz a brincadeira no começo, a viola afinadinha, se você der um Mi nela, já arre pia. As escalas, na maioria das vezes, são muito dedutivas. Às vezes você aprende uma coisinha, essa coisinha te abre um leque muito grande de coisas pra aprender. Então a pessoa se sente cativada com a viola por isso. Porque qualquer coisinha, às vezes, que a pessoa faz, fica bonito! Então é um instrumento que eu tenho um carinho muito grande e sinto um prazer muito grande quando eu estou tocando. Acho gostoso demais! Ainda mais quando você pega uma base boa que você pode tocar em cima ali e criar, improvisar. É muito gostoso, gosto muito!

**Domingos: Você tem um terço na viola ali?**

**Gustavo:** Tenho um terço na viola e em todos os meus instrumentos. Eu brinco, falo que eu tive problema muito tempo com instrumento, com aterramento. Eu falo: aqui é o meu terra. Aqui é minha proteção. Então eu tenho, até uns anos atrás eu fiz essa viola, uma tatuagem. E era a viola com o terço já. Eu vou pôr uma viola com o terço, o que tem a ver? É a minha identidade, meus instrumentos todos têm um tercinho pendurado, então a tatuagem não podia ser diferente. Anos depois eu fiz o Tião Carreiro, fiz aqui o esboço dele. E aí quando eu cheguei em casa olhei, falei: mas essa tatuagem está pobre, está faltando uma parte muito importante, que é até uma música que a gente cantou, não decorei a letra ainda, senão seria legal cantar, mas em outra oportunidade nós vamos cantar. A gente gravou uma [música] em homenagem ao Pardinho. Porque a gente que gosta muito de viola sempre tende a puxar a sardinha pro lado do Tião. Mas a música fala: o que seria do Tião Carreiro se não fosse o Pardinho. Porque é a dupla e o dueto deles era maravilhoso. Então foi engraçado que eu cheguei em casa, não esperei nem cicatrizar o Tião Carreiro, corri lá e falei: “Bicho, faz o Pardinho porque minha viola está manca. Falta cinquenta por cento da história.” Então ficou o Tião Carreiro e Pardinho, mas a viola aqui está com um terço, que nem os meus instrumentos. É uma identidade e é uma coisa que me traz segurança. É uma proteção que está sempre comigo, eu faço questão de carregar junto.

**Domingos: E na sua viola tem guizo também?**

**Gustavo:** Essa aqui não. Essa ainda não tem [Risos] Eu tenho outras violas que têm, essa aqui ainda não deu tempo. Essa viola eu peguei deve ter uns seis meses, mais ou menos. Então

essa aqui é mais questão de falta de oportunidade. Mas quando eu conseguir um vai com certeza entrar aqui! Gosto também, mas a questão do guizo já não é tanto a superstição, é mais questão de costume mesmo. E geralmente violeiro gosta de colocar, a minha superstição com a viola é Deus. É o terço e pra mim isso aí basta. Agora a questão de chocalho é legal, negócio bacana e tem uma história, uma tradição. Então eu vou mais pelo lado da tradição do que pela superstição.

**Domingos:** Eu observo que muitos violeiros falam que a viola vai além da questão musical, pra você também tem a ver?

**Gustavo:** Eu já tive oportunidade de vivenciar um negócio engraçado. Uma vez a gente fez um show em Jesópolis e tinha um cara lá que era o artista, na época era o cara, ele nasceu lá, Almir Pessoa. E eu não conhecia, nunca tinha ouvido falar dele nem nada e eu fui ver o show dele achei ele um cara arrogante... Botou a viola no chão, deu um chute, eu fiquei numa raiva tão grande. Mas esse cara aí não está com nada. Esse cara... E fiquei por alguns anos com isso na cabeça, o Almir Pessoa é um cara metido, tal. E uma época chegou um convite pra gente participar de um evento no SESC de Aparecida de Goiânia. A gente foi e o anfitrião da festa era o Almir Pessoa. Esse cara, na hora que a gente chegou ele recepcionou a gente de uma maneira que eu fiquei com um nó na garganta. Eu fiquei pensando: não é a mesma pessoa. Só que o que eu criei na época de aversão dele era por ele ter chutado a viola. Falei: isso é uma falta de respeito. Só que o cara fazia tipo um *[Exemplifica na viola]* Aí botava a viola no chão e pá! Acabava a música dando um chute na viola. Eu olhei aquilo e falei: “Pô, esse cara tinha que estar no circo!” Nesse dia do show lá eu fiquei sem palavras com ele, com o tanto que ele foi legal com a gente. Um cara extremamente educado. E aí tiveram os shows, ele ia recebendo cada um, a gente tocava com ele. A gente tocou com ele e foi muito bom. E no final era o show dele. Eu estava até com meu pai na época. A gente ficou boquiaberto com o que ele fez com a viola. Ele, além de ser um dos melhores violeiros do Brasil e um cara assim, hoje eu já falo o contrário, porque eu tirei toda a má impressão que eu tinha dele e hoje eu posso dizer que eu sou um dos maiores fãs que ele tem no Brasil. Ele é um cara maravilhoso e o que ele faz com a viola inspira muito a gente. Porque não é só pegar a viola e tocar. Ele é um *showman*. Então ele está tocando ali, ele está tocando, ele tem um cajon aqui que ele fica tocando. Ele sobe num caixote ele toca e dança catira ao mesmo tempo. Ele conta umas histórias e faz ali, às vezes, uma sonoplastia usando a viola. Então ele expandiu muito o que se podia fazer com a viola. Eu vejo ele como exemplo disso, que a viola não é só um instrumento musical, você pode usar ela de muitas maneiras. Ele hoje pra mim, de uma maneira especial, é uma grande inspiração. Até tive oportunidade de participar de um workshop na Alberto Teclados em Taguatinga com ele mostrando efeitos que você usa em guitarra, tudo mais, na viola. Isso é difícil você ver. Até o próprio Almir Sater, uma das maiores referências que a gente tem, é difícil você ver o Almir Sater usando um efeito, uma pedaleira, alguma coisa. E o Almir [Pessoa] usa. E usa muito bem! Então eu uso ele como exemplo pra isso, que a viola não é um instrumento só musical. É um instrumento que tem muita coisa que você pode fazer com ele. Menos chutar, não é? *[Risos]*

Porque depois eu vi DVD dele, eu acompanhei vários shows e eu nunca vi mais ele fazendo isso. Imagino que seja porque como era na cidade dele e ele muito empolgado e tal, faz parte do show! Mas eu com a cabeça muito tradicional na época e eu fiquei bem chateado. Os caras: “Ah, vamos lá no camarim conhecer ele, tirar foto” Falei: “Não vou, não quero, cara que chuta viola pra mim não serve pra nada não.” Eu tirei essa má impressão dele total e hoje é um dos caras que eu mais admiro no Brasil quando se fala de viola caipira.

**Domingos: E também tem a figura do violeiro, que é uma figura muito emblemática, ser violeiro, como você vê?**

**Gustavo:** Até aqui em Brasília é engraçado, porque eu já ouvi coisas, vou dizer até barbaridades que alguns “Gustavo Neto é um dos cinco melhores violeiros de Brasília”. É algo que eu paro e dou risada. Claro que você interpreta isso como um elogio, não como uma coisa verdadeira. Até porque eu acho que esse termo violeiro é um termo muito forte. Então eu considero violeiro Zé Mulato, aqui em Brasília, Vanderley, Dyego. Esses caras têm uma vivência na viola. Eu toco violão também, então quando o pessoal fala: “Ah, você é um dos cinco melhores violeiros”. Eu falo: “Não, espera aí, os cinco melhores eu nem ouvi, eu ouvi só violeiro. Eu não sou violeiro, eu sou uma pessoa que toco viola.” Então apesar do meu amor, apesar de tocar, de gravar muitas coisas eu não me considero um violeiro. Eu acho que o violeiro tem essa questão da vivência com a viola. E eu tenho, só que eu tenho com o violão também e muitas vezes acaba que um show nosso, dependendo do show, a viola não tem um espaço tão grande quanto o que tem o violão. Então igual eu falei, é uma cereja no bolo, é um diferencial que a gente tem, mas eu acho que não me dá essa moral de falar que eu sou violeiro. Eu sou um cara que toca viola, sou um apreciador, um apaixonado por viola. Tanto que quando a gente montou a dupla era Ênio Lima e Neto. Esse nome Gustavo aí foi até um empresário lá de Caldas Novas que sugeriu e era um nome que eu gostava muito e falei pra ele que tinha vontade, se eu tivesse um filho homem ia chamar Gustavo. E tive a oportunidade, meu filho de dez anos chama Gustavo. Na época eu pensei em colocar Ênio Lima e Neto Viola, ou Neto Violeiro e aí eu não tive essa coragem. Porque eu não me considero um violeiro mesmo. Quando eu falo: não me considero violeiro, estou me comparando com essa turma aí que eu citei. Acho que pesa muito. Pesa muito porque até a questão da versatilidade do repertório não me possibilita rotular como sendo um violeiro. E eu acho que pro cara ser violeiro ele tem que comer muito feijão e eu ainda tenho que comer muito feijão pra me considerar um violeiro.

**Domingos: Você acompanha e tem alguma identificação com esse movimento da viola mais instrumental?**

**Gustavo:** Eu tenho menos, menos contato, mas eu já curti muito o Aparício Ribeiro, gosto demais. Do Aparício eu gosto principalmente das instrumentais. Marcos Mesquita, o próprio Roberto Corrêa, gostei, escutei muito uma época Ivan Vilela, acho muito bonito também. Os instrumentais do Almir Sater são discos clássicos. Gosto demais do Gedeão, já curti muita coisa dele. Eu talvez não tenha tanto costume de ouvir quanto eu escuto as músicas

cantadas, com dueto. Mas eu acho muito legal, gosto muito e principalmente aquelas que vão mais pro lado da tradição do sertanejo, do caipira. Te confesso que quando cai ali naquela área mais erudita, eu não acompanho muito. Tenho respeito demais e acho que ali não é pra qualquer um. Ali você tem que estudar bastante... A música caipira, mesmo que você estude muito, mas é uma música às vezes muito de sentimento. Você chega numa roça, por exemplo, você vê um cara lá que não sabe nem conversar direito, não teve acesso à educação, a escola, nada e pega uma viola e toca bonito. De uma maneira intuitiva. E já essa parte mais instrumental, a parte mais clássica ali eu vejo como mais complicado um pouco. E eu acho que também o público é um pouco mais seletivo. Não é todo mundo que gosta.

**Domingos: A Escola de Música de Brasília, acho que como escola pública de música, foi a primeira a ter um curso de viola caipira. Como você vê a importância da Escola de Música aqui?**

**Gustavo:** É, você tem que tirar o chapéu pra Escola de Música e pro Roberto Corrêa que faz um trabalho bacana já de muitos anos. Quando eu tinha nove anos tive oportunidade de ir pra Escola de Música, na época para fazer mais violão e não fui. Até na época era mais difícil acesso, por morar em Taguatinga, quando falava é no Plano [Piloto] parecia que era uma coisa, nossa, outro estado e não era tão difícil assim, mas até por conta da idade dificultou bastante. Mas eu tenho isso como uma pendência da minha vida, eu queria ter estudado na Escola de Música e hoje até pela correria, tudo mais eu não consigo, mas vejo isso ainda como um projeto de vida. E pra mim seria uma honra um dia estudar lá porque é até uma representatividade muito grande na música e na cultura e principalmente na parte da viola. Quando você fala ali da turma, Roberto Corrêa, Marcos Mesquita, você tem que tirar o chapéu e respeitar o trabalho deles, que é um trabalho muito valoroso.

**Domingos: O Wellington [Assis] falou pra gente esses dias que o movimento de viola aqui no Distrito Federal está bem organizado, os violeiros se ajudam bastante. Você vê isso também?**

**Gustavo:** Como eu falei aí a questão das panelinhas de diferentes estilos, eu acho que na viola tem também. Mas eu acredito que em qualquer ramo de atuação acontece esse tipo de coisa. Você tem a competição e desde que a competição seja sadia é bacana. Faz bem pra todo mundo. Mas eu acredito que tenha puxadinho de tapete também. Acontece. A gente vê muito isso por causa dessa questão do repertório diferenciado. Então você vê que às vezes pessoal tem certa resistência com a gente. Quando eu falo pessoal, lógico que são casos raros. Porque na maioria das vezes a gente vê que tem sim uma amizade, um respeito grande. A gente tem grandes amigos na música, grandes amigos na viola. A gente tem duplas aí que a gente adora, curte bastante em casa e a gente se ajuda. Pra você ter uma ideia, como eu gravo lá no Grillo, eu tenho gravado viola e violão. Eu gravo com as outras duplas quando precisa, faço gravação, eu ajudo na produção. A gente faz produção de voz também às vezes, dos duetos. Então eu acho que esse tipo de ação ajuda o meio. Porque é complicado, como eu falei, aqui o espaço está cada vez menor pra você tocar. A questão do



aprendizado, o pessoal interessado em aprender tem aumentado cada vez mais. Mas os lugares pra você atuar, pra você tocar têm diminuído bastante. A gente até tem sentido esse ano aí um apoio menor do governo. As festas do governo diminuíram bastante e a gente tinha aí principalmente na pessoa do Volmi e do Fernandes, do Idelbrando, que foram presidentes lá do Clube do Violeiro, eles correm atrás, tentam sempre carregar a bandeira e fazer eventos grandes. Mas tem essa resistência às vezes do governo. Só que eu acredito que isso aí seja uma coisa passageira porque a viola, por muito tempo aqui em Brasília, ela foi, como posso dizer, um atrativo muito grande pra cultura. Secretaria de Cultura, Ministério da Cultura, vamos investir na viola, vamos fazer evento de viola porque o pessoal, o povo gosta. E é evento cultural, então coisa boa pro país. Eu acredito que num futuro não tão distante a gente vai voltar com essas festas aí porque eu torço muito, tenho muita fé pra que estejam reequilibrando as finanças pra poder o Brasil andar pra frente de novo. Porque pra andar pra frente precisa da cultura, não tem como deixar de lado não. Cultura tem um papel muito importante na sociedade e não adianta você... Lógico que a saúde, por exemplo, a saúde nossa não está bem. Violência e tal. Mas a cultura, se você deixar de lado, a violência aumenta cada vez mais. Porque o que vai fazer com esses jovens aí que estão crescendo? Tem que botar essa turma na música, que a música tem esse poder de mudar a vida das pessoas. E a viola especialmente muda com certeza.

#### **Domingos: O que você considera sucesso?**

**Gustavo:** Sucesso, sucesso de verdade é fazer algo que se eternize. Porque o sucesso pode ser passageiro. Sucesso, a gente tem inúmeros casos aí de sucesso passageiro que às vezes a pessoa não tem um preparo. Uma pessoa, de repente faz uma música de brincadeira e essa música estoura a pessoa ganha muito dinheiro e estoura aquele negócio. Da mesma maneira, a velocidade que ela ganha ela gasta, não consegue emplacar um segundo sucesso e volta pra onde ela estava. Então experimenta o preço da fama, mas por um tempo muito pequeno. Eu não considero isso como sucesso. Considero isso talvez como hoje a gente fala aí dos memes, algo que vem... A gente fala na roça que é igual um foguete de rabo. A velocidade que sobe ele desce. Então sucesso pra mim é, por exemplo, o que o Tião Carreiro e Pardinho fizeram. É o que Zé Mulato e Cassiano vêm fazendo. É você escrever uma história bonita e duradoura. Que quando as pessoas forem embora: “Ah, fulano morreu, tem trinta anos.” Pô, mas as músicas deles a gente canta até hoje, o pessoal adora. Então eu acho que isso é sucesso. Imortalizar uma música, um trabalho na história do país. Na história da cultura do país. Então sucesso pra mim é isso aí. Até já vejo por um outro lado também no nosso caso, eu falo isso muito com o parceiro, porque às vezes a gente tem aquela pretensão de estourar, de fazer muito sucesso, ganhar muito dinheiro e a gente tem exemplos aí de artistas que aconteceu isso e que hoje não têm vida. Os caras vivem trabalhando, não têm como usufruir do dinheiro que ganharam. Então eu falo pra ele, estudei cinco anos na [Universidade] Católica, fiz administração. O parceiro estudou no IESB, fez direito. E hoje a gente vive de música. Ele tem um casal de filhos também. A gente está vivendo. A gente está curtindo nossos filhos, está vendo eles crescerem. A gente está

acompanhando de perto a educação deles. E a gente acha que isso faz toda diferença na criação dos filhos. Eu acompanho, estou sempre com meus pais, eles moram perto de mim. Minhas irmãs, meus amigos. E eu vivo de música. Eu canto, dou aula. Não vou dizer que minha vida, economicamente falando, é um mar de rosas, mas eu considero um sucesso. Porque viver de música hoje no Brasil é sucesso! A gente olha outros exemplos aí, então eu falo pro Ênio: “Cara, a gente é sucesso!” A gente pega um barzinho, a Casa do Zé, que eu estou falando, em Taguatinga. Você chega na sexta-feira lá dá mais de trezentas pessoas. Então é impressionante você tocando a música sertaneja simples. A gente às vezes faz com um sanfoneiro, mas geralmente é só eu e o Ênio, a gente faz violão e viola. E lota o barzinho, bota trezentas pessoas lá dentro, num espaço que talvez caberia, sei lá, oitenta pessoas. Então eu considero isso como sucesso. Então o sucesso é relativo, cada um tem seu ponto de vista.

**Domingos:** Tem alguma coisa mais que você poderia cantar pra gente? Ou pontear mesmo?

**Gustavo:** *[Dedilha a viola]* A gente gravou uma música bonita do Pedro Paulo. Pedro Paulo e Matheus. Vou cantar um pedacinho dela. Está no DVD e CD ao vivo. Chama “Saudade do modão”

*[Toca viola caipira e canta a música “Saudade do modão”, de autoria de Pedro Paulo, da dupla Pedro Paulo e Matheus:]*

*Saudade do som da viola*

*E das melodias que vêm do sertão*

*Cantar em volta da fogueira*

*Madrugada inteira guarânia e modão*

*Modão do Tião Carreiro e Pardinho*

*Craveiro e Cravinho, Felipe e Falcão*

*Ê saudade, ê mundão*

*Ê saudade do modão*

*O som que se faz hoje em dia*

*Traz muita alegria e alguma emoção*

*Moçada de muito talento*

*Muito argumento, muita agitação*

*Respeito o som da atualidade*

*Mas sinto saudade do som do sertão*

*Eu não quero ser pretencioso*

*É que é bem mais gostoso escutar um modão*

**Gustavo:** Bonito, não é? A letra que a gente escutou eles cantando uma época e a gente gostou demais da música. Esse DVD nosso teve participação deles também, do Pedro Paulo e Matheus. A gente pediu pra gravar essa música, ele falou: “A música é a cara de vocês.” Então é uma música que a gente gosta muito de cantar. Música bonita demais e meio que representa o que a gente pensa da música. A gente respeita essa molecada nova aí do sertanejo universitário, a gente que vive de música é muito complicado criticar um artista ou criticar um estilo, porque cada um tem sua batalha. Cada um tem seu trabalho, sua luta diária. E como eu falei, hoje trabalhar com música, viver de música no Brasil é muito complicado. Então na casa da gente a gente é seletivo, escolhe o que a gente quer ouvir. Como diz o João Carreiro lá: não toca na minha vitrola. Então o que eu quero toca na minha vitrola, agora não tem porque o que não toca na minha vitrola eu não considerar como sucesso. Pessoal às vezes brinca com a gente, fala assim: “Pô, mas como é que uma dupla boa igual a vocês não estoura e o Gustavo Lima e o Luan Santana estão estourados? Vocês são bons demais, eles são ruins.” Eu falo: “Não, você está vendo errado cara. Se a gente está tocando pra trezentas pessoas num boteco e os caras estão tocando pra trinta, quarenta mil pessoas eles são bons, a gente não, a gente ainda está tentando ser bom. A gente pode ser bom pra uma galera pequena. Mas se os caras lotam um local ali, cantam e tem muita gente que segue, os caras são bons. Talvez não sejam bons pra nós, mas pro pessoal estar lá eles são bons.” Já dizia o Zé Mulato: todo santo tem seu devoto! Então a gente tem que respeitar mesmo e tirar o chapéu pra quem trabalha com música. E com viola mais ainda porque não é fácil não. A gente vê, a turma da velha guarda não tem tido facilidade pra trabalhar não. Aí nisso que eu vejo que esses meninos novos Mayck e Lyan, Lucas Reis e Thácio, Bruna Viola, está tentando trazer a viola pra um patamar diferente e isso, talvez num futuro próximo, consiga trazer mais gente. Não é? Do estilo da viola mais pra cima. É o que a gente está precisando porque eu lembro, um dia eu vi o Pereira da Viola falando, tem uma música que fala que tipo: amor muito, viola muito e dinheiro não. Ele falou: “Por que dinheiro não? A gente também precisa.” Então por que você traz aqui na Esplanada dos Ministérios, no réveillon uma dupla tipo, sei lá, Fernando e Sorocaba e paga seiscentos mil. E aí põe os artistas de Brasília, faz um edital pra selecionar cinco atrações, cada um a dez mil reais? Você olha e fala: “Pô, é complicado!” Aí: “Mas o Fernando e Sorocaba têm uma estrutura grande, é um show grande, é tudo mais...” “- Tá, mas como é que a gente vai crescer se o próprio governo dá uma grana dessa pros caras já consagrados e não ajuda os menores?” Então é complicado, a gente tem que correr atrás, tentar mudar isso aí, mas não é fácil não. Mas eu tenho esperança, não perco a fé não e a minha viola está sempre no peito aqui, independente de qualquer coisa. Tenho fé que a coisa vai melhorar pra nós! *[Risos]*

**Domingos: Fiquei sabendo que vocês estão participando, foram premiados por Brasília Alternativa...**

**Gustavo:** Brasília Independente.

**Domingos: O que é?**

**Gustavo:** É um festival que a Rede Globo DF promove todo ano, de artistas independentes e foi bem legal porque a gente acompanhou o festival em outros anos e a galera da Globo tem uma preferência nítida pela MPB e pelo rock em geral. Então a gente não tinha visto, a gente foi os primeiros sertanejos a ganhar. Só que eles têm um prêmio que é escolhido por um júri, o pessoal escolhe o melhor e tem um prêmio popular. E a gente entrou, foi escolhido entre as dez melhores e a gente fez uma mobilização grande na internet e com os amigos, com a família. Falamos: a gente precisa ganhar esse prêmio. Porque se for pelos jurados, apesar de que nos jurados tinha Roberto Corrêa e o Pedro Paulo e Matheus. A gente pensou: os caras com viola e com música sertaneja, então a gente tem uma preferência. Só que eles estão na Globo, aí a preferência já... Falou: então vamos garantir isso aí. A gente fez uma mobilização geral e como era votação pela internet, a gente fez uma mobilização não só em Brasília, mas até certo ponto, mundial. Porque teve gente de fora, do Japão, Estados Unidos, de Portugal votando na gente. E o pessoal, a gente até se surpreendeu, porque o pessoal criou um grupo pra votar direto. E aí falavam lá no whatsapp: estou indo dormir, quem é que vai continuar votando? Vota aí, seis horas eu acordo e continuo votando. A gente, como disse a Márcia Witczak a gente quase quebrou a banca. A gente teve mais de trezentos mil votos em uma semana. E ela falou que as edições anteriores, somando os votos de cada ano, nenhum deu trezentos mil, de todos. Só a gente conseguiu trezentos mil! Então foi um negócio muito bacana e apesar da gente notar que a Globo tinha essa preferência por outros estilos, a gente teve uma abertura muito legal lá com eles e até hoje esse prêmio rende frutos pra gente na Rede Globo. O pessoal sempre divulga nossos eventos e têm um carinho muito grande com a gente. A gente meio que fez igual ao Zagallo, vocês vão ter que engolir a gente agora! *[Risos]* E foi um prêmio bacana demais! Fez um barulho grande com o nome da dupla aqui em Brasília.

**Domingos: E teve alguma gravação de clipe?**

**Gustavo:** A premiação era uma entrevista especial na Globo, no DFTV, contando a história da dupla, tudo mais. E a gente tinha um clipe, um clipezinho simples que a gente fez e é o clipe que a gente mandou pra ser selecionado. Aí quando escolhe os dez a gente vai pro estúdio e a Globo faz esses clipes. Sempre quando tem algum evento eles estão divulgando, mostrando esses clipes que eles fazem lá no estúdio e são os clipes que ficam na internet pro pessoal assistir e votar. É bacana que é uma veiculação diária. Fica passando os pedaços dos clipes, então a gente andava na rua, no mercado e qualquer lugar aqui o pessoal: "Ah, te vi na Globo." Então a coisa é assim, se você for mensurar, financeiramente, é difícil colocar um

comercial todo dia na Globo. Então foi uma oportunidade bacana demais pra gente, porque a gente abraçou com unhas e dentes e conseguiu ganhar e isso aí até hoje rende frutos.

**Domingos: Legal! Gustavo, pra você o que é memória?**

**Gustavo:** Memória... Eu acho que são as vivências que a gente tem durante a vida. E o que às vezes você vive de maneira mais intensa, seja de uma maneira positiva ou negativa, fica gravado na sua memória. Então a música também tem disso, às vezes a gente tem músicas aí que fizeram muito sucesso, ficaram eternizadas. Também às vezes tem música que negativamente ficou gravada. Que você fala: “Pô, aquela música lá daquela época!” E o cara: “Essa música é muito ruim.” “- Mas canta aí...” Você lembra, você não esqueceu. Então ficou eternizada na memória da cultura do país. E o país está diariamente ali, como dizem, atualizando suas memórias e aí muita coisa você filtra. Você pega, por exemplo, se você fosse falar: “Ah, vamos lembrar aqui de cinquenta duplas de viola caipira.” Tem algumas que não vão faltar de jeito nenhum, se você entrevistar duzentas pessoas vão falar dessas. Mas tem outras que às vezes não conseguiram gravar seu nome na memória do país. Estou te falando de João Renes e Reny, por exemplo, uma dupla que na época fez muito sucesso, mas hoje quando você fala não é muita gente que lembra. Então como tenho na memória eu com, sei lá, três, quatro anos de idade ganhando um compactozinho do João Renes, tenho muita coisa na memória relacionada a João Renes e Reny. Mas é difícil, como eu falei dessa moda do “Caboclo sertanejo”, que é a música do Ênio e do pai dele. A gente já ouviu muita gente falando, contando história que traz essa música. Escuto, lembro do meu pai, lembro da época que eu era menino. Então essa música resgata boas memórias que eu tive na minha infância, de coisas que eu passei. Então acho que pro lado da música é isso. A música tem o lado de você eternizar as músicas na memória da população e tem o lado da música resgatar memórias de coisas que você viveu também. Coisas boas e coisas ruins.

**Domingos: E o que é a vida?**

**Gustavo:** A vida... É uma coisa totalmente mutante, todo dia você tem que estar se reinventando e descobrindo coisas novas, como falei do terço aqui, eu acredito muito em Deus e acho que Deus vai norteando a sua história e a sua vida. Então muitas vezes, essa semana mesmo a gente teve um caso aí, na segunda-feira, quando eu acordei, liguei pro Ênio, falei: “Cara, a gente está lascado essa semana, essa semana é uma maratona daquelas!” A gente tinha show, tinha um programa de televisão na quarta, quinta tocava à noite, sexta à tarde e à noite, sábado à tarde e à noite e tinha gravação com vocês que seria no domingo. Estou falando só dessa semana. “- Como que a gente vai fazer, cara?” Porque a gente chega lá, faz shows às vezes de três, quatro horas cantando direto sem fazer um intervalo. Engata um no outro, é coisa de louco. E de repente a gente se deparou com uma semana totalmente diferente. Já ali quarta-feira o pessoal do show de sexta-feira cancelou o show. Disse que era uma confraternização, não ia mais fazer. Pessoal de sábado à noite, era uma festa de um ano de idade, tiveram problema com a síndica lá, ela não liberou colocar som, cancelou o show também. E infelizmente a gente teve o caso do pai do Ênio que fez

uma cirurgia e não está bem. E a gente fez o show na quinta-feira à noite, quando foi sexta de manhã o Ênio acordou e já falaram: “seu pai não está bem e o estado dele é gravíssimo.” Ele foi pra Uberlândia. Então às vezes você planeja uma coisa com tantos detalhes, você imaginando, tal e de repente Deus escreve de outra maneira. E você tem que se reinventar e correr atrás e tentar fazer tudo diferente. Eu costumo, lógico que a gente está muito na oração pra que o pai dele melhore, mas quando acontece isso de ter um final de semana completamente diferente do que a gente planejou eu sempre agradeço a Deus. Falo: obrigado, porque deu tudo certo, não foi do jeito que eu queria, mas se era pra ser assim e deu tudo certo, então foi do jeito que Deus queria, está tudo certo. Então acho que a vida é isso, a gente corre todo dia, trabalha e corre atrás sempre de um futuro melhor pros nossos filhos. Mas é como se fosse um jogo de *video game*, você desviando dos obstáculos a todo o momento e tentando fazer um bom caminho. E eu estava hoje, conversando com uma amiga e falando sobre isso, que a vida é um sopro. Se você demora a vida passa e você não vê. Então eu sou um cara que gosto muito de aproveitar os pequenos momentos e as coisas boas da vida. Mas as coisas simples, que às vezes você não dá tanto valor, mas de repente você se vê numa situação que você não tem como mais passar por aquilo, a vida passou e já era! Então por isso que eu acho que a vida é um presente que Deus deu e a gente tem que viver da melhor maneira possível e com alegria sempre. Porque é tão pesado, o dia a dia nosso é tanta coisa que acontece, se você entrar nessa *vibe* da tristeza e das coisas ruins aí a vida desanda. Então é isso, pra mim a vida é o quê? É alegria sempre. Correr atrás e enquanto a gente tiver saúde está tudo certo.

**Domingos: E se você fosse uma música, qual seria?**

**Gustavo:** Nossa, boa pergunta! Difícil, viu? Talvez assim, uma música que desde pequeno sempre ouvi e me traz uma emoção grande é “Saudade da minha terra”. Talvez não a música, mas a pessoa ali, Goiá, e eu que conheço Coromandel e tudo que ele fala na música ali eu visualizo. Então, talvez, “Saudade da minha terra”, ou o cara que está cantando “Saudade da minha terra”, porque aí é a história que eu me vejo como se estivesse passando aquilo ali com todos os detalhes que vai cantando. Então talvez se eu pensasse um pouco mais lembrasse de outra, mas é realmente uma pergunta complicada! Até porque são muitas músicas bonitas e que a gente, voltando lá na memória, grava na nossa memória e são músicas eternizadas pra gente, que eu e o Ênio, a gente canta, igual eu falei, quatro, cinco shows numa semana. Tem música que a gente canta e a pessoa pede, você repete e não consegue enjoar. São músicas que têm uma representatividade grande na vida da gente. Então eu cito ela: “Saudade da minha terra”

**Domingos: Se você fosse deixar uma mensagem pra quem está iniciando na viola, na música, o que você diria?**

**Gustavo:** Seja persistente. Porque a gente... Na época que eu comecei a aprender não tinha as facilidades que tem hoje. E eu estou falando de uma época não tão distante. Então você pensa aí nessa turma do Tião Carreiro e Pardinho pra cá, o tanto que esse pessoal penou, às

vezes, pra aprender. Não é uma coisa que você simplesmente fala: “Ah, vou fazer uma aula de viola.” E da noite pro dia você vira um violeiro. Não é. A música é um eterno aprendizado. Então eu acho que o cara que chegar e falar: “Eu sei tudo de música” ou “Eu sei tudo de viola” é um mentiroso. Porque não existe, tem aquele ditado que fala que sempre seu instrumento vai estar além do seu conhecimento. Porque se um dia a pessoa tiver aprendido tudo, começa a criar coisa nova então. É uma coisa que eu vejo como infinita. Então seja persistente e sabendo que eu acho que a fase mais espinhosa de você aprender a tocar um instrumento ou até mesmo de cantar também é o começo. Porque às vezes você está pensando numa coisa e quando você pega na prática é outra. E não é, a gente sabe que viola, por exemplo, é doloroso no começo, os dedinhos sofrem, tudo mais. Mas é uma coisa que depois que você passou daquele primeiro período ali a coisa deslancha, se você tiver persistência e estudar. E é chato mesmo, o começo é repetição, até você pegar ali a manha é repetição. Então tem que ter paciência. Quer aprender um instrumento, duas dicas: paciência e persistência.

**Domingos: Você acha que existe dom?**

**Gustavo:** *[Risos]* O dom eu até brinco com os alunos às vezes, eu dou exemplo do Romário. O Romário é um dos melhores jogadores da história, mas é um cara que não gostava de treinar. Então é o que eu falo, você imagina se o Romário fosse um cara extremamente profissional, treinasse sempre, fosse um cara que tivesse disciplina tática, tudo mais. Talvez ele seria muito melhor do que o que ele foi ainda. Então eu acho que às vezes o dom, no meu caso, eu posso dizer que eu tenho um dom, eu nasci com esse dom. Mas por outro lado esse dom me atrapalhou um pouco porque ele me deixou mal acostumado. Porque eu lembro, até quando eu era pequeno, o pessoal falava: “Ah, mas ele tinha que ir pra uma escola boa.” Minha mãe falava: “Não, ele aprende tudo sozinho.” Eu tinha uma facilidade muito grande depois daquele primeiro período de aprendizado, tudo que eu escutava eu reproduzia, inclusive solo, eu não tinha maiores dificuldades. Só que isso me deixou preguiçoso pra estudar. Então que existe eu acho que existe. Hoje com tanta facilidade que tem, com tanto recurso que tem, às vezes, uma pessoa que não tem nada de dom supera essa falta de dom com a persistência e com a força de vontade. Então eu vejo o dom, por exemplo, nesse cara que te falei, que você chega na roça e o cara está lá tocando uma viola. Como é que o cara afina uma viola do nada? De onde vem isso? Hoje a gente tem afinador, tudo mais, mas como é que o cara pega um instrumento desses, dez cordas, no meio do mato, consegue afinar e tocar. Não tem outra explicação, é dom. Na verdade esses dons eu acho que são emprestados, Deus empresta pra gente, é tudo de Deus. Mas que existe, existe. Você repara, tem gente que tem uma facilidade maior pra aprender e tem gente que às vezes demora um tempo pra descobrir. Qual dom você tem, pra qual instrumento você tem maior facilidade? Mas eu acredito que o dom aliado ao estudo é bacana. Agora, confiar só no dom é complicado! Eu sofro isso na pele!

**Domingos: Como você acha que vai ser o caipira do futuro?**

**Gustavo:** Será que vai ter caipira no futuro? É difícil até de imaginar, do jeito que as coisas estão hoje é difícil de imaginar. Porque como eu falei, dei o exemplo do meu tio que arremata os bois lá da fazenda dele usando internet e antena parabólica. A tendência, infelizmente pra alguns e felizmente pra outros, eu acho que é diminuir cada vez mais. Porque você pensa: ah, não, mas o fazendeiro vai precisar de gente pra trabalhar lá na roça. Só que essas pessoas pra trabalharem ali, dependendo do que elas forem operar, dependendo da máquina, tem que ter um conhecimento, tem que ter um estudo. Então eu vejo como uma coisa que está ficando no passado e é até complicado porque quando você fala: o que é caipira? É até difícil mensurar. A gente toca de vez em quando em uma fazenda e lá você vê coisas que você fala: “Cara, isso aqui não vai acabar.” É você acordar de manhã e ter um cafezinho ali com um pãozinho de queijo feito na hora. Aí olha do lado tem uma garrafona gigante de açafrão que o cara plantou ali, o cara que fez e arrumou direitinho. E aí na hora de ir embora o cara vai lá, te dá um queijo e um pacotinho, um saquinho de ovo caipira pra você levar. Então é o tipo de coisa que eu acho que isso aí nunca vai deixar de existir. E essa simplicidade da roça vai ficar mais no coração das pessoas do que na coisa prática ali de verdade. Porque na mesma hora que esse cara te dá um queijo e um ovo caipira pra você levar ele fala: “Ô, qual que é o seu instagram pra eu te seguir?” Aí vai lá no celular, na roça. Um lugar que na hora que você entra na porteira, você desce, acaba o sinal do seu celular. Quando você chega lá embaixo tem wi-fi. Então você vai vendo essas coisas acontecerem. Tem uma comidinha num fogão de lenha. Às vezes você chega lá dentro do quarto do dono da fazenda, tem um ar-condicionado e um frigobar. Então é meio que paradoxo. Você vê, mesmo na roça hoje já está tendo isso. E o caipira que está lá. “- Ah, vou buscar o gado.” E põe o celularzinho dele em cima do arreio tocando uma musiquinha... Talvez o caipira vai ter que se adequar à modernidade. Mas se manter no coração essa tradição eu acho que não acaba, pelo menos essa parte poética da coisa aí eu acho que não acaba. Mas vai mudar, com certeza!

**Domingos: Ouvi dizer um estudioso falando que o caipira hoje traz os valores, igual o que você falou, você acha que na cidade é possível se manter caipira?**

**Gustavo:** Desde que o caipira seja esse que a gente está falando, a questão poética e a questão dos valores. A questão do respeito à tradição. Eu acredito que sim. Até porque o caipira tem a coisa da simplicidade. Eu acho que na cidade você tem como ser simples, você tem como ser uma pessoa educada, uma pessoa que convive com todo mundo, que trata todo mundo bem, desde o mais ricão... Eu tive exemplo de tocar em uma casa, chegar lá e fazer amizade com o pessoal que está fazendo comida, pessoal da limpeza e o cara fala: “Não, vem cá, você tem que tratar bem esse cara aqui que ele tem muito dinheiro.” Eu falo: “Ué, mas se ele tem muito dinheiro é porque ele gosta muito do dinheiro dele. O que eu tenho a ver com isso? Eu vou tratar bem o pessoal da cozinha. Eles que cuidam de mim, põem uma comidinha boa pra mim.” Você está tocando o pessoal leva uma aguinha, um negócio. E é o pessoal que dá notícia de você pros outros, que divulga, que você chega na casa eles te tratam com o maior carinho do mundo, com o maior respeito. Então eu acho



que o caipira tem muito disso, da educação de tratar todo mundo bem. Até pela questão também do preconceito. Às vezes é a pessoa boa demais, do coração bom, você só tem que aprender a conviver, não tem questão... Eu, por exemplo, moro num prédio, moro no sétimo andar. Eu faço questão de falar bom dia pra todo mundo. Tratar todo mundo bem. Se eu falar bom dia uma vez a pessoa não falar, eu falo de novo depois até ela falar. E eu acho que ser caipira é isso também. É ser simples e gostar das coisas do campo em geral, da natureza e eu acho que isso aí na cidade também você tem que fazer. Você tem que cultivar. Meu pai e minha mãe moram em Taguatinga, você chega na casa deles que é a casa que eu cresci, parece uma chácara lá nos fundos. Você chega eles já: “Não, vamos lá pra você ver o pé de jaboticaba como está.” Meu pai tem uma parreira, chega perto do Natal dá uva pra caramba e é pé de acerola e tal, na cidade. Então eu acho que é aquela história que a maldade está mais na cabeça da gente do que em outra coisa. A mesma coisa é a caipirice. Está mais no coração e na cabeça da gente do que propriamente no lugar que você convive. Então você pode ser caipira em qualquer lugar. *[Começa a tocar na viola] “Descendo o Rio Piquiri”*

*[Toca na viola caipira a música instrumental “Descendo o Rio Piquiri”, de sua autoria]*

**Domingos: Já ensinou essa música pros seus alunos?**

**Gustavo:** Não. Ainda não.

**Domingos: O rapaz, que coisa linda!**

**Gustavo:** Essa que eu estou guardando pra soltar no CD, vai sair no CD. Está legal. Coisinha simples. Pra quem toca e vê, fala: é escalinha, brincando em cima da escala ali, coisa simples. Mas que ficou bonitinha e com uma representação legal por causa do Rio Piquiri. Então a gente na canoa, até no vídeo eu falo: “Parceiro, acabei de batizar a música”, tocando, é “Descendo o Rio Piquiri”. História bem legal! E é uma música que traz memória, quando eu toco eu lembro lá do Rio Piquiri, daquela paz lá no rio. Bacana!

**Domingos: Gustavo, só uma última pergunta, você acha importante esse tipo de registro que nós estamos fazendo agora aqui?**

**Gustavo:** Com certeza. Até porque eu trabalhei uma época, alguns anos atrás, numa mobilização nacional de resgate da música caipira. A gente pegava, por exemplo, teve uma, achei até engraçado que um amigo lá de Belo Horizonte falou: “Cara, o que você tem aí do Pardinho e Pardal?” Falei: “Quem?” “- Pardinho e Pardal, Pardinho teve uma dupla com o Pardal.” Falei: “Cara, nunca ouvi falar.” Sei do João Mulato e Pardinho, Tião Carreiro e Pardinho, claro, os parceiros de Tião Carreiro tudo. “- Pardinho e Pardal?” E de repente o cara falou: “Pega aí, baixa aí os discos dele tudinho, a coleção inteira.” E é uma dupla assim, nota mil! E a gente viu na época que as gravadoras abandonaram em questão de relançamentos de muitas duplas. Então a gente teve na época até um problema com a filha do Moreno e Moreninho, de um deles. O filho do Roberto e Meirinho, era o filho do Meirinho, acho. Só que a gente resgatando, sem fins lucrativos nenhum, a pessoa: ah, eu

tenho uns vinis aqui. Passava pra MP3, dava uma tratadinha e compartilhava. Então com isso a gente foi completando as coleções dessa turma. Só que não tinha um fim lucrativo, comercial e sim de resgate. E hoje a gente pode ver, se você chegar na minha casa lá, o que eu tenho de música caipira antiga é muita coisa. Coisas que com certeza se perderiam com o tempo. Então hoje você tem a facilidade, de repente fazer algum documentário, documentar e até catalogar, organizar tudo que acontece referente à viola no Brasil. E eu acho que antigamente não se fazia isso. Às vezes você pega, por exemplo, quando você olha no youtube e vê um vídeo antigo de uma dupla, você se emociona. E você olha um vídeo às vezes a qualidade ruim pra caramba, mas é um registro histórico. Então acredito que isso que vocês estão fazendo aqui é um registro histórico. Eu não sei daqui a quantos anos, mas as pessoas vão ver e vão falar: “Pô, essa turma aqui, tal. Alguns estão na ativa ainda, alguns já se foram. Alguns abandonaram o barco no meio do caminho.” Mas se fez um registro de um momento e isso aí ficou eternizado. Então um trabalho muito legal esse de vocês.

**Domingos: Se você fosse indicar um disco pras pessoas ouvirem teria algum?**

**Gustavo:** Rapaz, é difícil, hein?! É difícil porque eu tenho vários... Vamos lá: “Meu céu”, Zé Mulato e Cassiano. É um, eu gosto muito da discografia inteira deles, mas esse CD pra mim é especial! Porque deu uma resgatada neles que estavam há muitos anos sem gravar e é um CD aí produzido pelo Roberto Corrêa. É um CD histórico pra mim. Gosto demais. Gosto daquele ao vivo do Pena Branca e Xavantinho com o Renato Teixeira. Maravilhoso também! Eu estou tentando pensar aqui há muito tempo em um do Tião Carreiro e Pardinho, mas é difícil falar um disco do Tião Carreiro e Pardinho, porque são tantos discos bons! Eu prefiro falar qualquer um do Tião Carreiro e Pardinho, porque é difícil. Eu tenho meus prediletos aí, eu posso falar... Uma dupla que gravou também algumas coisas de viola, mas que não era uma dupla cem por cento caipira, o Zé do Rancho e Zé do Pinho, gosto demais: “No colo da noite” principalmente, o disco. Acho que esses aí. O “Meu céu” é o *number one*. *[Risos]*

\*\*\*\*